



## O que os estudos sobre a aquisição devem a Benveniste

### What language acquisition studies owe to Benveniste

Giovane Fernandes Oliveira<sup>i</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Carmem Luci da Costa Silva<sup>ii</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Resumo:** Este artigo<sup>1</sup> busca demarcar a contribuição de Émile Benveniste aos estudos sobre a aquisição da linguagem. Para tanto, caracteriza – em suas semelhanças e em suas diferenças – três propostas que, à luz da teoria da linguagem benvenistiana, investigam a constituição da criança como falante e como escrevente em sua língua materna. O percurso comparativo leva à conclusão de que as três propostas, por um lado, dão testemunho de uma produção linguística original no Brasil no âmbito tanto dos estudos benvenistianos quanto dos estudos aquisicionais e, por outro lado, atestam a fertilidade do pensamento de Benveniste como solo teórico sobre o qual podem florescer potentes perspectivas de investigação da linguagem humana.

**Palavras-chave:** Aquisição; enunciação; antropologia da enunciação; semiologia; Émile Benveniste.

**Abstract:** This article seeks to outline Émile Benveniste's contribution to language acquisition studies. To do so, it characterizes three proposals considering their similarities and their differences. These proposals, in light of Benveniste's theory of language, investigate the constitution of the child as a speaker and as a writer in their native language. The comparative path leads to the conclusion that, on the one hand, the three proposals evidence an original linguistic production in Brazil in the scope of both studies on Benveniste and on language acquisition; and, on the other hand, they attest to the fertility of Benveniste's thinking as a theoretical background where powerful prospects for the investigation of human language may flourish.

**Keywords:** Language acquisition; enunciation; anthropology of enunciation; semiology; Émile Benveniste.

---

<sup>1</sup> O presente texto retoma e atualiza (sintetizando, modificando e acrescentando) ideias presentes na tese de Oliveira (2022).

## Introdução

“Em alguns países, a tradução de *Problèmes de linguistique générale* inspirou uma produção linguística original, como no Brasil e na Rússia” (COQUET; FENOGLIO, 2014 [2012], p.68).

A afirmação em epígrafe, feita por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio na introdução às *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*, é corroborada por Valdir do Nascimento Flores em seu livro *Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure*. Nessa obra, o autor descreve duas recepções brasileiras do pensamento benvenistiano. Enquanto a **primeira recepção** – ocorrida entre as décadas de 1960 e meados da década de 1990 – “foi, em geral, *fragmentada, parcial e, alguns casos, inadequada*” (FLORES, 2017a, p.71, itálicos do original), a **segunda recepção** – iniciada na metade final dos anos 1990 – marca uma mudança de atitude dos pesquisadores brasileiros relativamente à obra benvenistiana.

É a segunda recepção aquela na qual frutifica a produção linguística original que, de acordo com Coquet e Fenoglio (2014 [2012]), foi inspirada, no Brasil, pela tradução dos *Problemas de linguística geral I e II*. Dessa originalidade, dão mostras os três eixos a partir dos quais Flores (2017a) discute tal recepção. O **primeiro eixo** reúne estudos que situam a enunciação no centro da reflexão, produzindo uma linguística enunciativa *stricto sensu*. O **segundo eixo** reúne estudos que situam a enunciação no centro da reflexão, mas a articulam à teoria da linguagem benvenistiana em seu conjunto, produzindo uma abertura para um diálogo dessa teoria com ciências conexas à linguística – e, acrescentaríamos nós, com campos conexas à teoria no interior da própria linguística. O **terceiro eixo** reúne estudos que situam a imanência da teoria da linguagem de Benveniste no centro da reflexão, produzindo trabalhos intrateóricos que, em uma espécie de hermenêutica da teoria, investigam termos, noções e conceitos seus.

Dentre os temas abordados no segundo eixo (descrição gramatical, estudos textuais, distúrbios de linguagem, ensino-aprendizagem de línguas, tradução, ergologia, literatura), o tema mais fecundo – tanto em termos de proposições teóricas, metodológicas e analíticas quanto em termos de número de estudos desenvolvidos – é, sem dúvida, o tema da aquisição da linguagem, ou, como esclareceremos adiante, da aquisição da língua.

Neste artigo, perseguimos um **duplo objetivo**: de uma parte, delinear os contornos específicos das investigações que, à luz da teoria da linguagem de Benveniste, realizamos

sobre a constituição da criança como falante e como escrevente em sua língua materna; de outra parte e com base nesses contornos específicos, traçar as linhas gerais que alocam nossos trabalhos em uma zona fronteira entre dois campos dos estudos linguísticos – o campo dos estudos benvenistianos e campo dos estudos aquisicionais.

Em outros três textos, perseguimos objetivos semelhantes. Em Silva *et al.* (2020)<sup>2</sup>, apresentamos uma síntese teórica de nossos estudos até então. Em Silva, Oliveira e Diedrich (2020), buscamos argumentar em favor da teoria da linguagem benvenistiana como uma abertura para os estudos aquisicionais. Em Silva e Oliveira (2023)<sup>3</sup>, procuramos dar uma amostra de como olhamos para a aquisição, pela criança, da fala e da escrita de sua língua materna. Todavia, esses três textos diferem tanto entre si quanto deste que ora introduzimos.

Como diferem entre si? Em Silva *et al.* (2020), capítulo de uma coletânea especializada em aquisição, a síntese apresentada se limita a trabalhos a propósito do vir a ser falante, nosso foco exclusivo até então. Em Silva, Oliveira e Diedrich (2020), artigo de um dossiê temático sobre retrospectões e prospecções ligadas à teoria da linguagem benvenistiana, privilegamos uma abordagem dos modos como a aquisição da língua materna é tematizada *em* Benveniste, em sua realização tanto vocal (PLG I e II) quanto gráfica (*Últimas aulas*). Em Silva e Oliveira (no prelo), capítulo de uma coletânea que visa a divulgar os estudos aquisicionais para um público não especializado, embora privilegiemos uma abordagem do vir a ser falante e do vir a ser escrevente *a partir de* Benveniste, fazemo-lo de um modo mais simplificado, devido à finalidade da coletânea.

Como o texto em tela, artigo de um dossiê temático sobre as contribuições de Benveniste às ciências da linguagem, difere dos três anteriores? Em primeiro lugar, aqui, não mais situamos nossas pesquisas acerca da fala e da escrita infantis no âmbito de uma mesma proposta, a “perspectiva aquisicional enunciativa” (SILVA; OLIVEIRA, 2023, p.145); devido aos rumos que tomou a tese de doutoramento de um dos autores deste artigo, passamos a posicionar os estudos a respeito da aquisição da escrita no quadro de uma proposta nomeada como “perspectiva semiológico-enunciativa” (OLIVEIRA, 2022, p.53). Em segundo lugar, aqui, discernimos, de uma maneira mais precisa, as relações de semelhança e de diferença dessas duas perspectivas tanto entre si quanto entre elas e a “perspectiva

---

<sup>2</sup> Esse texto, embora publicado em 2020, foi escrito em 2019.

<sup>3</sup> Esse texto, embora publicado em 2023, foi escrito em 2021.

antropológico-enunciativa de estudo da passagem da criança da condição de *infans* a falante” (FLORES, 2019a, p.13), proposta igualmente inspirada em Benveniste.

Mais especificamente, objetivamos caracterizar essas três propostas que, sob orientação benvenistiana, voltam-se para a trajetória inicial da criança em sua língua materna. Para tanto, além desta introdução, organizamos o presente artigo em três seções (cada uma das quais dedicada a uma proposta) e em uma conclusão (na qual delimitamos as semelhanças e as diferenças entre as propostas caracterizadas).

## 2. A perspectiva aquisicional enunciativa

A interface entre os estudos benvenistianos e os estudos aquisicionais foi iniciada por Carmem Luci da Costa Silva em sua tese de doutoramento, defendida em 2007, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e intitulada *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*. Essa tese foi publicada como livro em 2009, sob o título *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*.

Em sua busca por uma teorização enunciativa acerca do vir a ser falante, Silva (2009) aborda distintas relações enunciativas instanciadas na aquisição da língua: as relações diádicas *eu-tu*, *eu/tu* e *(eu-tu)/ele* e as relações trinitárias *eu-tu/ele* e *(eu-tu/ele)-ELE*<sup>4</sup>.

A **relação diádica eu-tu** forma, conforme a autora, uma *unidade constitutiva*, em que *eu* e *tu* estabelecem uma *relação de conjunção*, simbolizada pelo hífen (-). Na aquisição da língua, tal relação *eu-tu* é instaurada pela conjunção criança-outro, em que a criança necessita de um outro que a torne sujeito dessa aquisição. Nessa relação conjuntiva, o outro toma o dizer da criança – instância de irregularidade – como veiculador de sentido e lhe apresenta o seu próprio dizer como instância de regularidade. Esse outro – em geral, a mãe –, ao considerar como significativos os gestos e as emissões da criança e ao conceder-lhe um lugar de enunciação, torna-se o precursor das mudanças de sua relação com a língua.

Simultaneamente, a criança precisa se reconhecer como distinta do outro, o que instancia, na enunciação, a **relação diádica eu/tu**. Aqui, segundo Silva (2007), entra em jogo uma *relação de disjunção*, representada pela barra (/). No ato aquisicional, a criança precisa se reconhecer como disjunta do outro, a fim de aceder à condição de falante, o que leva ao rompimento da unidade constitutiva *eu-tu* e à instanciação da relação *eu/tu* como disjunção

<sup>4</sup> A teorização de Silva (2009) acerca dessas distintas relações enunciativas inspira-se nas ideias de Benveniste sobre a enunciação e nas reinterpretações que delas fazem Dufour (2000) e Flores (1999).

criança/outro. Nessa relação disjuntiva, a criança começa a “enunciar” ela própria, sem estar na dependência do dizer do outro, isto é, sem depender de um *movimento interpretativo* deste em relação ao seu dizer ainda não coincidente com a estrutura da língua e da atribuição, por ele, de um lugar para ela na estrutura da enunciação.

Além das relações de conjunção *eu-tu* e de disjunção *eu/tu*, Silva (2009) aborda a **relação diádica (*eu-tu*)/*ele***. Para a autora, tal díade comparece no *imbricamento temporal* (marcado pelos parênteses unindo *eu* e *tu*) que caracteriza o diálogo do locutor-criança (*eu*) com o alocutário-adulto (*tu*), em geral a mãe. Nessa temporalidade imbricada, o *tu* muitas vezes fala pelo *eu*, instituindo-se como um lugar de funcionamento da língua (*ele*) e presentificando, na relação intersubjetiva, esse ausente que é o sistema linguístico.

Silva (2009) explica que, assim como *ele* depende de *eu* e de *tu* para ser atualizado no discurso, estes dependem daquele para se constituírem na instância discursiva, pois a condição da presença de *eu* e de *tu* nela é a ausência de *ele*. Configura-se, assim, uma nova relação, não mais diádica, mas trinitária, a **relação *eu-tu/ele*** (assinalada pela ausência de parênteses separando *eu* e *tu* d'*ele*). Essa tríade, diferentemente da díade (*eu-tu*)/*ele*, enfatiza não a distinção entre pessoas (*eu* e *tu*) e não pessoa (*ele*), mas a sua interdependência na instanciação da intersubjetividade e da referência tanto na enunciação quanto na aquisição.

Também esclarece Silva (2009) que, no ato enunciativo de aquisição da língua, a relação trinitária *eu-tu/ele* figura como a chave da inscrição da criança na ordem da língua e do estabelecimento desta enquanto sistema significante, pois, ao se conectar com o *ele*, a criança tem acesso à simbolização como fundamento da abstração e base das funções conceituais. Tal acesso depende não só da conexão com o *ele* enquanto ausente da relação, como também da conexão com o *tu* enquanto copresente, visto a criança incluir-se no simbólico da língua por meio do discurso do outro com todas as nomeações nele contidas. Isso exige que esse outro não somente conceda um lugar de enunciação à criança (na conjunção criança-outro), mas igualmente se ausente para que ela possa se presentificar enquanto sujeito de linguagem (na disjunção criança/outro).

Todas essas relações enunciativas são por Silva (2009) estenografadas por meio do dispositivo **(*eu-tu/ele*)-*ELE***, o qual contém, em seu interior, todas as relações diádicas e a trinitária *eu-tu/ele*, sendo ele próprio uma relação trinitária. Enquanto *eu* e *tu* designam, respectivamente, o locutor (criança) e o alocutário (outro) do quadro figurativo da aquisição

da língua, o *ele* representa a língua enquanto *instituição simbólica constituída na cultura* e o *ELE* simboliza a própria cultura enquanto *lugar que comporta valores, prescrições e interdições*.

Segundo a autora, o *ELE* (cultura) é um participante ausente na relação entre o *eu* e o *tu*, pois – diferentemente do *ele* (língua), representado no discurso pela sintagmatização – o *ELE* é irrepresentável linguisticamente na linearidade discursiva, mas constitutivo das relações de *eu* e de *tu* com *ele*. Em outros termos, ambos são ausentes – o *ele* (língua) e o *ELE* (cultura) –, porém o *ele* (língua) se faz presente pela temporalidade, quando *eu* fala a *tu*, operando seleções e substituições no eixo associativo para atualizá-las e conectá-las no eixo sintagmático, enquanto o *ELE* (cultura) permanece em um nível constitutivo das relações enunciativas, sem se manifestar na materialidade do discurso.

O dispositivo (*eu-tu/ele*)-*ELE* reserva, conforme Silva (2009), lugares para os alocutários (*eu* e *tu*), a língua (*ele*) e a cultura (*ELE*), estando à disposição de todo falante para enunciar e de toda criança para instanciar-se na língua:

Inserida nas relações enunciativas trinitárias *eu-tu/ele* e (*eu-tu/ele*)-*ELE*, a criança reconhece-se a si como locutor e o outro como alocutário no diálogo. Ao mesmo tempo, concebe a língua como possibilidade de atualização no discurso, convertendo o sentido em palavras. Com essa semantização, lugar da língua em emprego, consolida a relação língua-discurso, valendo-se de diferentes formas e mecanismos para enunciar a sua posição de locutor na enunciação e operar sua entrada no semiótico da língua (lugar de organização dos signos). Nesse jogo semiótico-semântico, pela enunciação, a criança assegura o funcionamento subjetivo e referencial do discurso, constituindo-se como sujeito de linguagem. (SILVA, 2009, p.187).

Tal construto teórico é posto à prova na análise da fala de Francisca (FRA), criança em aquisição do português brasileiro como língua materna, de família de baixa classe média, residente na região metropolitana de Porto Alegre (RS). Os dados de FRA foram coletados de forma longitudinal e naturalística, de uma a duas vezes por mês, dos onze meses aos três anos e quatro meses, em sessões filmadas de diálogo com a pesquisadora e com os outros do convívio da criança. A partir do exame desse grande *corpus* longitudinal, Silva (2009) propõe três macro-operações enunciativas como gerais no percurso aquisicional, no entanto atualizadas de modo único – via micro-operações enunciativas – pela criança em seu trajeto singular de não falante a falante.

A primeira macro-operação é a **operação de preenchimento de lugar enunciativo**, a qual é estruturada pelo mecanismo de conjunção-disjunção, que instancia a relação conjuntiva *eu-tu* e a relação disjuntiva *eu/tu* no ato de aquisição da língua. Esse primeiro mecanismo é, para Silva (2009), condição dos demais, pois a criança precisa preencher um lugar na estrutura enunciativa para que venha a enunciar. Tal lugar é inicialmente atribuído pelo outro (na relação de conjunção), mas posteriormente passa a ser assumido também e de modo independente pela própria criança (na relação de disjunção). Assim, a grande mudança que ocorre no interior desse mecanismo é “*a passagem de um preenchimento de lugar enunciativo a partir do outro para o reconhecimento do efeito que esse lugar preenchido provoca no outro*” (SILVA, 2009, p.234, itálicos do original). Dito de modo mais simples: de convocada pelo outro em uma relação de dependência deste, no que diz respeito à tomada da palavra, a criança passa a convocá-lo em uma relação de crescente independência dele.

Já a segunda macro-operação é a **operação de referência**, a qual se estrutura a partir do mecanismo de semantização da língua, em que a criança estabelece a relação mundo-discurso, representando os referentes do mundo por palavras no discurso. Tal movimento ressalta a interdependência entre a intersubjetividade e a referência na enunciação, pois a referência (*ele*) comparece na relação *eu-tu* por meio de ajustes de forma-sentido entre a criança e o outro. Nesses ajustes, o outro ressignifica as *formas enunciativas* – ainda não coincidentes com o sistema linguístico – produzidas pela criança por meio de *formas da língua* – reconhecíveis como unidades sistêmicas. Para Silva (2009), a grande mudança atestada por esse segundo mecanismo é “*a passagem de uma referência mostrada para uma referência constituída na língua-discurso*” (SILVA, 2009, p.246, itálicos do original). Dito de outra maneira: a criança passa de uma referência ancorada na situação discursiva para uma referência criada no interior do próprio discurso. Essa passagem se processa, de um lado, via reconhecimento do caráter arbitrário do signo – o que remete à *relação língua-realidade* – e, de outro lado, via reconhecimento da natureza articulada da língua na dissociação e na integração de seus níveis e unidades –, o que remete à *relação forma-sentido*.

Por fim, a terceira macro-operação é a **operação de inscrição enunciativa da criança na língua-discurso**, a qual tem como mecanismo estruturante a própria instauração do sujeito no discurso, por meio do uso de diversos instrumentos linguísticos para se marcar naquilo que diz e enunciar a sua posição de locutor em relação tanto ao dito quanto ao alocutário. O que está em jogo, nessa operação, é a constituição do aparelho formal da

enunciação, em que “a criança demonstra um *fazer-com* a língua-discurso” (SILVA, 2009, p.265). Esse trabalho com e sobre a língua incide tanto em operações discursivas de instanciação do *eu* na enunciação (via funções sintáticas como a intimação e a interrogação e via formas autorreferenciais como os nomes e os pronomes) quanto em operações complexas de instanciação de enunciação dentro de enunciação (via mecanismos como o relato, a projeção e a simulação de dizeres, que instanciam duplamente a enunciação). Logo, a mudança sinalizada por esse terceiro mecanismo é “a passagem de um *uso discursivo da linguagem em que [a criança] se inscreve como sujeito por meio de funções e formas para um uso de dupla enunciação em que produz discurso com outro discurso, constituindo aí sua posição de sujeito enunciativo*” (SILVA, 2009, p.266, itálicos do original). A mudança, aqui, é entre duas maneiras de a criança se inserir como sujeito no discurso, ora se marcando explicitamente nele via diversos recursos da língua, ora o desdobrando em enunciações complexas ao relatar, ao projetar e ao simular ações discursivamente. Nesse trânsito pelo discurso, ela torna o tempo intralinguístico ao deslocar-se entre o passado e o futuro a partir do presente.

A partir da descrição e da explicação dessas três macro-operações enunciativas, Silva (2009, p.286) chega às seguintes conclusões:

[...] acreditamos que cada locutor possui uma história de enunciações, por meio da qual constitui sua língua materna e o sistema de representações de sua cultura, estabelecendo-se, desse modo, como sujeito de linguagem. Portanto, consideramos a língua como uma instância intersubjetiva, já que suas formas têm existência por meio de ajustes de sentido produzidos na sintagmatização do discurso de *eu* e de *tu*. É a condição da intersubjetividade tornando possível a língua-discurso e por conseguinte a constituição da criança como sujeito falante de sua língua materna. (SILVA, 2009, p.286).

A proposta de Silva (2009) estabeleceu um profícuo diálogo entre os campos da aquisição da linguagem e da linguística da enunciação, contribuindo com ambos. O primeiro campo não apresentava, antes, a teorização enunciativa benvenistiana dentre os diversos pontos de vista teóricos que o integram. O segundo campo não contava, até então, com a aquisição da língua materna pela criança em seu escopo de investigação.

Tal diálogo permitiu “a constituição de um novo saber para os dois campos, já que não [foi] possível simplesmente fazer uma aplicação da teoria da enunciação oriunda de

Émile Benveniste aos dados da criança”, ao que acrescenta a linguista: “E aí ousamos produzir princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem para, a partir de tais princípios, analisar a fala da criança” (SILVA, 2009, p.18). Esse *novo saber*, referido pela autora em 2009 como *teoria*, foi redesignado, em estudos seguintes, como “perspectiva aquisicional enunciativa” (SILVA *et al.*, 2020, p.37). Tal perspectiva produziu frutos, rendendo artigos, monografias, dissertações e teses<sup>5</sup>.

Dentre tais frutos, destacam-se, além dos trabalhos de Silva e de Oliveira (*cf.* nota 5), os de Marlete Sandra Diedrich, cuja tese (*cf.* DIEDRICH, 2015) foi orientada por Silva e versou sobre o aspecto vocal da enunciação na relação inicial da criança com a fala. Em suas produções posteriores, Diedrich estendeu os seus interesses de pesquisa a questões como a cultura, o poético e a narrativa (*cf.* nota 5).

No entanto, os trabalhos filiados à perspectiva inaugurada por Silva (2009) focalizam a constituição da criança como falante, sendo a constituição da criança como escrevente um fenômeno que não recebeu a devida atenção de tais trabalhos. A esse respeito, merecem ser mencionados os estudos de Marlete Sandra Diedrich e Edynara Ribeiro (2016) e de Isadora Laguna Soares (2018), os quais abordam a relação inicial da criança com a leitura, mais especificamente questões vinculadas ao aspecto vocal da enunciação na simulação de leitura pela criança ainda não alfabetizada (*cf.* DIEDRICH; RIBEIRO, 2016) e à condição da criança de intérprete da língua-discurso em sua relação inicial com o ler (*cf.* SOARES, 2018).

---

<sup>5</sup> O conjunto desses estudos pode ser dividido nos seguintes eixos:

- (1) **Aquisição, enunciação e cultura** (*cf.* SILVA; DIEDRICH, 2013; SILVA, 2015; SILVA; OLIVEIRA, 2016; DIEDRICH, 2017a, 2018a; SOARES, 2017).
- (2) **Aquisição, enunciação e os papéis do outro, da situação e dos instrumentos linguísticos** (*cf.* MACHADO, 2010; SERAFINI, 2011; SILVA; STUMPF, 2012).
- (3) **Aquisição, enunciação e referência** (*cf.* SILVA, 2011; TOMAZZI, 2016; OLIVEIRA, 2020).
- (4) **Aquisição, enunciação e aspecto vocal** (*cf.* SILVA; MILANO, 2013/2014; DIEDRICH, 2015; 2017c, 2018b; SILVA, 2017).
- (5) **Aquisição, enunciação e escuta** (*cf.* SILVA; OLIVEIRA, 2021; SILVA, 2022; SILVA; DIEDRICH, 2022);
- (6) **Aquisição, enunciação e relação biológico-cultural** (*cf.* SILVA, 2020).
- (7) **Aquisição, enunciação e atividade metalinguística** (*cf.* STUMPF, 2010; SILVA, 2019).
- (8) **Aquisição, enunciação e abstração** (SILVA; OLIVEIRA; DIEDRICH, 2020).
- (9) **Aquisição, enunciação e narrativa** (*cf.* DIEDRICH, 2020a, 2022; SILVA; DIEDRICH, 2022; GOLEMBIESKI, 2022; BOLDORI, 2023);
- (10) **Aquisição, enunciação e poética** (*cf.* DIEDRICH, 2020b; AGUIRRE, 2021).
- (11) **Aquisição, enunciação e leitura** (*cf.* DIEDRICH; RIBEIRO, 2016; SOARES, 2018).
- (12) **Aquisição, enunciação e a questão da unidade linguística** (SOARES, 2015; SANTANA, 2022).
- (13) **Aquisição, enunciação e línguas estrangeiras** (*cf.* MACHADO, 2013; TOMAZZI, 2017).
- (14) **Aquisição, enunciação e língua de sinais** (*cf.* REVEILLEAU, 2022).
- (15) **Aquisição, enunciação e influências saussurianas** (*cf.* SILVA, 2013).
- (16) **Aquisição, enunciação e questões metodológicas de pesquisa** (*cf.* SILVA, 2007b; SILVA; SURREAUX, 2011; DIEDRICH, 2017b).

Contudo, esses estudos não produzem uma teorização sobre a aquisição da escrita que, a partir da teoria da linguagem benvenistiana, possa subsidiar descrições e explicações da escrita infantil, o que será a proposta de Oliveira (2022), conforme seção adiante.

Em resumo: nas reflexões de Carmem Luci da Costa Silva, o **problema da aquisição da língua** é abordado no âmbito da **relação enunciação-língua**, com a aquisição sendo concebida “como um ato de enunciação<sup>6</sup> e a enunciação como uma estrutura de aquisição da linguagem que comporta locutores (a criança e o outro) e a língua, inscritos na cultura” (SILVA, 2011, p.81). Temos, então, por um lado, *a aquisição como um ato de enunciação* – em que a criança converte o discurso em sistema e o sistema em discurso – e, por outro lado, *a enunciação como uma estrutura de aquisição* – que comporta a criança (*eu*), o outro (*tu*), a língua (*ele*) e a cultura (*ELE*). Assim, transitando do discurso ao sistema e do sistema ao discurso, a criança vai produzindo uma *história de enunciações*, por meio da qual se instaura em sua língua materna e no sistema de representações de sua cultura.

### 3. A perspectiva antropológico-enunciativa de estudo da passagem de *infans* a falante

Orientador de doutorado de Carmem Luci da Costa Silva e igualmente docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Valdir do Nascimento Flores, nos anos recentes, também tem se ocupado da passagem da criança de *infans* a falante. Todavia, ainda que inspirado pelas ideias benvenistianas, Flores segue uma direção distinta da de Silva, direção conduzida pela sua *antropologia da enunciação*, perspectiva teórica mais ampla que o linguista tem desenvolvido ao longo da última década<sup>7</sup>.

Em Flores (2017b, p.25), o autor afirma que “a criança é uma testemunha da entrada do homem na linguagem, portanto, na cultura”. Tal afirmação é embasada na distinção benvenistiana entre os termos latinos *testis* e *superstes* e na interpretação que o filósofo Giorgio Agamben faz desses termos em sua reflexão sobre a noção de *testemunho*: “[...] *testis* é o que assiste algo e pode testemunhar o que viu; *superstes* é aquele que ‘subsiste

<sup>6</sup> Conceber a aquisição como um ato de enunciação significa concebê-la como um ato de instauração da criança na língua e da língua na criança. Trata-se, aqui, da noção de *enunciação* tomada menos em sua acepção empírica (a enunciação como produção vocal ou gráfica) do que em sua acepção fundamental (a enunciação como fundante do linguístico e do humano). Essa concepção aquisicional, introduzida por Silva (2009, p.153), é teorizada em Oliveira (2022, p.100-105).

<sup>7</sup> Essa proposta recebe sua apresentação mais bem acabada no livro *Problemas gerais de linguística* (FLORES, 2019b), no qual a aquisição da língua é tematizada no capítulo intitulado “Do *infans* ao *Homo loquens* – Sobre o nascimento de um falante no universo de uma língua”, capítulo retomado mais adiante, ainda nesta seção.

além de', aquele que testemunha ao mesmo tempo que é um sobrevivente, em suma, 'aquele que se mantém no fato', que está nele presente como testemunha" (FLORES, 2017b, p.26).

Segundo Flores (2017b, p.27), "Ao linguista cabe a resignação de ser *testis*; à criança caberia o lugar de *superstes*". Isso porque, se a criança é *superstes*, se testemunha uma experiência pela qual todos passam – e passam singularmente –, mas que deixa de ser acessível quando se abandona a primeira infância, não compete ao linguista buscar algo como um acesso integral a essa experiência. Tal busca é impossível tanto pela singularidade da vivência de cada infante na linguagem quanto pela própria condição do linguista diante de tal vivência, pois ele não está dentro dela, mas a testemunha desde um lugar terceiro.

Já em Flores (2019a, p.13), o estudioso propõe-se a "apresentar as bases de uma perspectiva antropológico-enunciativa de estudo da passagem da criança da condição de *infans* a falante". Para tanto, ancora-se teoricamente em Jakobson, Benveniste e Humboldt.

De Jakobson, o pesquisador resgata a reflexão sobre a grande perda na habilidade de produzir sons que a criança sofre ao se submeter aos valores fonêmicos que integram o sistema fonológico de sua língua materna. A partir do princípio de André Martinet sobre a *dupla articulação* das línguas – conforme o qual a segunda articulação (dos fonemas) está na dependência da primeira (dos monemas) –, Flores (2019a) estende, aos demais níveis linguísticos, essa *restrição* que a aquisição de uma língua impõe ao falante, sustentando que a passagem do balbucio às primeiras palavras envolve não apenas a fonologia, mas o sistema da língua em seu conjunto. Decorre dessa ideia, segundo o autor, o descarte de objetivos tais quais a explicação de *como* a criança adquire línguas: "O uso da língua pela criança deixaria de ser a evidência de uma capacidade. Em outras palavras, os dados de análise de uma dada língua não estariam, então, a serviço da explicação da capacidade da linguagem, uma vez que, desse ponto de vista, não se adquiriria linguagem, mas língua" (FLORES, 2019a, p.16).

De Benveniste, o linguista recupera a ideia de que, ao aprender uma língua, a criança aprende o mundo em que essa língua é falada, de forma que se opera um *deslocamento* do âmbito da linguagem para o âmbito das línguas. A implicação direta disso é conceber a aquisição de uma língua como sendo, antes de tudo, a aquisição "de um mundo e não de estruturas linguísticas": "Benveniste não relaciona, portanto, a aquisição da língua nem a uma faculdade inata, nem a aspectos cognitivos, nem a aspectos mentais. Para o autor o

que a criança adquire é o *mundo*, um mundo específico, via língua” (FLORES, 2019a, p.17, itálicos do original). Além disso, de acordo com Flores (2019a, p.17), o paradoxo universalidade da aquisição vs. diversidade das línguas põe em relevo o *falante*: “É próprio ao homem que ele fale (universal) uma ou mais línguas (diversidade) à sua maneira (singularidade)”.

De Humboldt, o autor retoma o postulado de que a diversidade das línguas diz respeito a uma diversidade não de sons e de signos, mas de *visões de mundo*: “Assim, para Humboldt, cada língua teria uma maneira de organizar o mundo, de apreendê-lo, de representá-lo, o que o torna, nela, na língua, um mundo específico” (FLORES, 2019a, p.18).

Com base nas ideias de Jakobson, de Benveniste e de Humboldt e em suas próprias a partir desses linguistas, Flores (2019a) analisa recortes enunciativos de um estudo etnográfico sobre a infância do povo Xikrin, subgrupo Kayapó, de língua Jê, habitante do sudoeste do Pará, Brasil, dos quais destacamos o seguinte recorte:

[...] é possível notar que, no universo linguístico em questão, as relações de interlocução são circundadas pelas participações quase ritualizadas dos adultos, o que instaura uma condição de fala bastante específica. Chama a atenção [...] a ênfase dada à audição como um sentido importante para o desenvolvimento do conhecimento: “o que, para os Xikrin, define a singularidade da experiência infantil” (Cohn 2000b: 212), segundo Cohn, é “o desenvolvimento da faculdade de compreensão, ligada especialmente ao ouvido, o que torna a pessoa alguém que pode e deve compreender as normas sociais e atuar de modo correspondente a elas, capacitando-a, ainda, a dominar os conhecimentos tidos como relevantes, de um modo que exige sua participação ativa” (Cohn 2000b: 212). Consideradas as características da relação interlocutiva com as crianças entre os Xikrin e todo o contexto que a cerca – sumariamente retomado a partir do trabalho de Cohn<sup>8</sup> –, torna-se evidente que **falar essa língua implica falar esse mundo**. (FLORES, 2019a, p.21, grifo nosso).

A partir dessa breve análise, Flores (2019a, p.19) conclui: “O *infans*, ao passar a falar uma dada língua, passa a existir em um mundo e a dar existência a esse mundo, que é, por sua vez, atualizado de modo muito singular em cada enunciação. Enfim, nessa proposta, o que a criança adquire é a possibilidade de enunciar uma visão de mundo”.

---

<sup>8</sup> A referência ao trabalho em questão feita por Flores (2019a) é a seguinte: COHN, Clarisse. 2000b. Crescendo como um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá, *Revista de Antropologia*, 43: 195-222.

Em Flores (2019b), o autor torna a mencionar a posição imposta aos que buscam comentar a experiência de vir a ser falante. Trata-se do *ponto de vista terceiro*, que testemunha essa trajetória “de fora” dela, enquanto a criança a testemunha “de dentro”:

[...] a criança é, em ato (e a palavra aqui é fundamental), *superstes* de sua experiência de vir-a-ser falante, o que introduz uma importante relação com o tempo. Seu testemunho não é “dado” *a posteriori*, mas *hic et nunc*. Ele é um *índice de si mesmo* na medida em que testemunha o que ainda não é, na criança, a língua, mas, ao mesmo tempo, permite que se venha a saber algo sobre a sua **entrada na língua**. Nesse sentido, e somente nesse, pode-se considerar que o falante deixa o lugar de terceiro em relação à passagem de *infans* a falante. (FLORES, 2019b, p.180, negrito nosso).

Dessa citação, gostaríamos de destacar a expressão *entrada na língua*, pois ela sinaliza uma mudança na reflexão do linguista. Se, em Flores (2017b, p.25), o autor defendia que “a criança é uma testemunha da entrada do homem na linguagem, portanto, na cultura”, em Flores (2019b), ele sustenta que se trata de um testemunho do infante sobre a sua entrada na *língua*. Essa mudança deve-se ao deslocamento proposto, em Flores (2019a), da ideia de *aquisição da linguagem* para a ideia de *aquisição da língua*, visto o homem estar desde sempre na linguagem como faculdade simbólica que lhe é constitutiva, sendo a língua o que ele adquire quando passa a atualizar a capacidade simbolizante em um sistema semiológico.

Partindo de duas máximas, uma benvenistiana (*a língua não diz nem oculta, mas significa*) e outra agambeniana (*o ato de enunciação se refere ao seu próprio ter-lugar, independentemente e antes daquilo que, nele, é dito e significado*), Flores (2019b) propõe um novo deslocamento – do campo da “mostração” para o campo da “indicação”:

a fala da criança é autorreferencial porque indica que – e indica *como* – a língua tem lugar nela. Em outras palavras, a experiência de passar de não falante a falante é indicada na fala da criança pelo próprio fato de ela enunciar em uma dada língua. Nesse sentido, a fala da criança nem mostra, nem oculta, apenas indica. A ideia de “indicação” aqui mobilizada está longe de uma perspectiva ostensiva em que se dá a ver um objeto. *A fala da criança indica os termos pelos quais a língua tem lugar nela*. É nesse sentido que considero que **a fala da criança é autorreferencial**, na medida em que essa fala encontra sentido na referência que faz à sua própria instância de discurso. (FLORES, 2019b, p.186, grifos do autor).

Na metade final de seu ensaio, Flores (2019b) procede a uma discussão sobre, de um lado, o inato vs. o adquirido e, de outro lado, a universalidade da aquisição vs. a diversidade das línguas. Tal discussão retoma e aprofunda o raciocínio desenvolvido em Flores (2019a), mas chega às mesmas conclusões:

- (1) o que uma criança adquire, ao passar à condição de falante, não é a linguagem, mas a língua, ou melhor, *uma* língua e, com ela, *um* mundo, o que produz um novo deslocamento – de *universais* da linguagem ao *universo* de uma língua;
- (2) uma reflexão antropológico-enunciativa sobre a aquisição da língua não tem uma preocupação explicativa de tipo causal, como a que move estudos aquisicionais pautados pela quantificação, pela repetição e pela generalização.

Em resumo: nas reflexões de Valdir do Nascimento Flores, o **problema da aquisição da língua** é abordado no âmbito da **relação linguagem-línguas**, com a passagem de *infans* a falante sendo vista como um fenômeno de língua e não de linguagem. Afinal, trata-se da entrada da criança em um sistema linguístico particular enquanto manifestação da faculdade languageira universal, a qual define o homem como *homo loquens*. Nessa visada, a aquisição de *uma* língua, antes de ser a aquisição de formas linguísticas, é a aquisição de *um* mundo, uma vez que “falar uma língua é falar o que faz sentido nessa língua, e isso se mostra em todos os níveis da língua, desde a fonologia até o estabelecimento do quadro figurativo da enunciação no diálogo” (FLORES, 2019b, p.210).

#### 4. A perspectiva semiológico-enunciativa da aquisição da escrita

Em tese de doutoramento intitulada *Do homo loquens ao homo loquens scriptor: por uma perspectiva semiológico-enunciativa da aquisição da escrita*, defendida em 2023<sup>9</sup>, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e orientada por Carmem Luci da Costa Silva, Giovane Fernandes Oliveira introduz a terceira perspectiva teórica focalizada neste artigo.

Tal perspectiva é tributária, teórica e metodologicamente, das perspectivas de Silva e de Flores. Entretanto, vai além destas em termos tanto temáticos quanto teóricos: temáticos, ao voltar-se para um tema não tratado pelos dois autores, a **aquisição da**

---

<sup>9</sup> A defesa ocorreu no dia 16 de janeiro de 2023, mas a referência ao trabalho será feita considerando-se o ano de 2022, no qual o estudo foi efetivamente concluído.

**escrita**; teóricos, ao acentuar uma teorização integrante da teoria da linguagem benvenistiana, mas não nuclear das duas perspectivas anteriores: a **teorização semiológica**.

Após um percurso pelas reflexões de Benveniste<sup>10</sup>, de Silva e de Flores sobre o vir a ser falante, tomadas como ponto de partida de seu empreendimento, Oliveira (2022) realiza um duplo movimento: *retrospectivo*, ao proceder a uma incursão por textos benvenistianos à procura de acepções de língua e de escrita em Benveniste; *prospectivo*, ao elaborar os primeiros princípios de teorização da aquisição da escrita *a partir de* Benveniste.

No movimento retrospectivo, são abordadas a **relação semiologia-enunciação** e o **problema da natureza da língua**, bem como a **relação sistema-discurso** e o **problema da natureza da escrita**. Desse movimento de retrospectão, o autor tira consequências teóricas que desembocam nas definições de *língua* tanto como sistema quanto como discurso; de *discurso* como enunciado tanto falado quanto escrito; de *fala* e de *escrita* tanto como formas semiológicas de realização da língua quanto como atos enunciativos de conversão do sistema em discurso e de estabelecimento de relações intersubjetivas e referenciais.

No movimento prospectivo, é abordada a **relação fala-escrita** e o **problema da natureza da aquisição da escrita**. Desse movimento de prospecção, resultam três princípios.

Quanto ao princípio (1), Oliveira (2022) defende que a aquisição da escrita impõe duas grandes abstrações linguísticas à criança: uma abstração discursiva (o desprendimento da riqueza contextual do falar) e uma abstração sistêmica (o reconhecimento da materialidade da escrita).

Quanto ao princípio (2), o autor sustenta que a aquisição da escrita supõe dois tipos de conversões linguísticas pela criança: as conversões discurso-sistema/sistema-discurso (em que o discurso do outro é a ponte que alça a criança ao sistema) e as conversões fala-escrita/escrita-fala (em que a criança reconhece a fala e a escrita como duas formas de realização semiológica e enunciativa da língua, as quais se revezam uma à outra por serem conversíveis uma na outra).

---

<sup>10</sup> Em Benveniste, o fenômeno aquisicional é abordado periféricamente. Não há um texto específico em que ele discuta a aquisição, cujas menções ocorrem sempre no seio de reflexões mais amplas, vinculadas a outros temas, como as relações biológico-cultural, subjetividade-socialidade, signo-objeto e símbolo-pensamento. Não recapitulamos, aqui, as ideias benvenistianas sobre o referido fenômeno, pois, como comentamos na introdução deste artigo, procedemos a essa recapitulação em Silva, Oliveira e Diedrich (2020), cujo foco era a aquisição em Benveniste, ao passo que o foco do presente estudo é a aquisição *a partir de* Benveniste.

Quanto ao princípio (3), o pesquisador argumenta que a aquisição da escrita é um ato de enunciação que promove duas instaurações: a instauração, na língua, da criança enquanto escrevente e leitora e a instauração, na criança, da língua enquanto sistema de signos e discurso escrito que remodela semiologicamente esse sistema.

Na sequência de seu estudo, Oliveira (2022) dá continuidade à elaboração dos princípios de teorização semiológica e enunciativa do vir a ser escrevente, mais precisamente a partir das seguintes relações e dos seus respectivos problemas teóricos: a **relação subjetividade-socialidade** e o **problema da natureza do sujeito** (cf. princípios 4 e 5); a **relação biológico-cultural** e o **problema dos caracteres distintivos da língua** (cf. princípios 6 e 7); a **relação signo-objeto** e o **problema da representação** (cf. princípios 8 e 9); a **relação símbolo-pensamento** e o **problema da consciência** (cf. princípios 10 e 11).

Quanto aos princípios (4) e (5), o autor afirma que a relação subjetividade-socialidade e o problema da natureza do sujeito marcam o estabelecimento, pela criança, das capacidades de situar-se como sujeito da enunciação e como participante da sociedade via enunciação escrita. Isso é possível porque o outro a situa como tal antes de ela própria ser capaz de fazê-lo, o que corrobora o papel fundante da intersubjetividade (cultural, alocucional e discursiva) na aquisição da escrita. Conforme vai sendo produzida como locutor-escrevente pela língua em sua realização gráfica – atualizada no discurso do outro –, a criança começa a produzir graficamente a língua, advindo, a cada produção dessas, como sujeito: o sujeito que advém, como um efeito semântico, da sintaxe da enunciação escrita.

Quanto aos princípios (6) e (7), o linguista postula que a relação biológico-cultural e o problema dos caracteres distintivos da língua (*modo operatório, domínio de validade, natureza e número de signos e tipo de funcionamento*) marcam a remodelagem semiológica, pela escrita como forma secundária de realização linguística, desses caracteres da fala como forma primária de realização linguística. Tal remodelagem, se supõe a sensorialidade e a motricidade, transpõe-nas, mostrando, em sua constituição e em seu atravessamento pela simbolização, mais semelhanças do que diferenças entre a fala e a escrita.

Quanto aos princípios (8) e (9), o estudioso propõe que a relação signo-objeto e o problema da representação marcam a passagem da escrita icônica à escrita linguística, o que envolve a autossemiotização como representação semiológica fala-escrita e a autorreferência como representação enunciativa língua-realidade. Nessa passagem do ícone à letra, complexificam-se o escrito e o escrever, complexificação que estende, à

escrita em constituição da criança, aquilo que já atravessa a sua fala mais constituída: a natureza articulada e significativa da língua, assim como o fundamento da abstração e o princípio da imaginação criadora.

Quanto aos princípios (10) e (11), o pesquisador afirma que a relação símbolo-pensamento e o problema da consciência marcam a ação da língua enquanto sistema de signos e discurso escrito que remodela semiologicamente esse sistema sobre a criança enquanto escrevente e leitora, ação que nela faz aflorar uma sensibilidade locutória para a estrutura e o funcionamento da língua realizada graficamente. Tal sensibilidade é efeito do acionamento do mecanismo da conversão em discurso escrito, o que possibilita que, por meio de um novo ato enunciativo (o de escrever), a criança passe a transpor/elaborar/exteriorizar de uma forma outra (graficamente) a língua/o pensamento/a linguagem interior enquanto potência significativa logicamente anterior a tal ato.

À luz desse aparato conceitual sobre a *natureza* do vir a ser escrevente, Oliveira (2022) forja um aparato procedimental com vistas ao tratamento das *manifestações* da escrita inicial da criança. As manifestações analisadas pelo linguista foram registradas em sessões naturalísticas e longitudinais, realizadas em ambiente doméstico, de uma a duas vezes por mês, ao longo de dois anos e meio, com duas crianças falantes monolíngues do português brasileiro, de famílias de baixa classe média, residentes na região metropolitana de Porto Alegre (RS). Uma criança, Helena (HEL), foi acompanhada antes do ciclo da alfabetização (dos três anos e três meses aos cinco anos e nove meses). A outra criança, Emanuel (EMA), foi acompanhada durante a alfabetização (dos seis anos e três meses aos oito anos e nove meses).

Foram coletados dados tanto audiovisuais quanto gráficos. Isso porque, mais do que o *produto* (o enunciado “escrito” e “lido”), interessava a Oliveira (2022) investigar o *processo* (a produção de “escrita” e de “leitura”, que igualmente implica a produção de fala e de escuta sobre esse “escrever” e sobre esse “ler”). A coleta dos dados resultou, então, em registros fílmicos (gravações em áudio e em vídeo de diálogos falados criança-outro durante os atos de leitura e de escrita) e em registros gráficos (produções de diferentes naturezas – rabiscos, desenhos, estorinhas, relatos, convites, bilhetes, cartinhas, rimas).

A exemplo de Silva (2009), Oliveira (2022) propõe, a partir do amplo conjunto de dados analisados, três macro-operações, porém características da aquisição da língua em sua realização gráfica e não – como a autora – em sua realização vocal. Ademais,

diferentemente da estudiosa, o pesquisador qualifica tais macro-operações não apenas como *enunciativas*, mas como *semiológico-enunciativas*. No interior dessas macro-operações, as micro-operações analisadas conduzem à identificação de mudanças gerais no vir a ser escrevente.

A primeira macro-operação é a **operação de deslocamento de lugar enunciativo**, a qual é estruturada pelo mecanismo da (inter)subjetividade e pela relação locutor-língua. Tal mecanismo é acionado de duas maneiras: **enunciativamente** (via conjunção *eu-tu*, caracterizada pela convocação da criança pelo outro da alocução falada para que, na estrutura enunciativa, ela se desloque dos lugares de falante e de ouvinte e preencha os lugares de escrevente e de leitor) e **semiologicamente** (via disjunção *eu/tu*, caracterizada tanto pela abstração discursiva como desprendimento do outro da alocução falada e dessa própria alocução quanto pela abstração sistêmica como reconhecimento da estrutura formal de base da materialidade gráfica, dupla abstração linguística cuja consequência é a suspensão temporária do funcionamento intersubjetivo e referencial do discurso). A mudança geral identificável no interior dessa primeira macro-operação “envolve uma passagem dos lugares de falante e de ouvinte aos lugares de escrevente e de leitor e, simultaneamente, um trânsito entre tais lugares” (OLIVEIRA, 2022, p.282). Dito de outra forma: de convocada pelo outro da alocução falada a deslocar-se dos lugares (co)enunciativos de falante e de ouvinte aos lugares (co)enunciativos de escrevente e de leitor, a criança passa a preencher, ela própria, os dois últimos lugares e a deslocar-se tanto entre eles quanto entre eles e os dois primeiros. Esses deslocamentos possibilitam a emergência das primeiras letras em meio aos rabiscos que predominam na aurora da escrita infantil, bem como permitem a circulação de palavras nas primeiras frases que começam a ganhar corpo nessa escrita, acompanhando a circulação do próprio escrevente em constituição por entre os diferentes lugares de (co)enunciação.

Já a segunda macro-operação é a **operação de desdobramento do funcionamento do discurso escrito**, estruturada pelo mecanismo do duplo funcionamento discursivo e pelas relações locutor-alocutário/alocução-mundo. No interior dessa segunda macro-operação, as micro-operações analisadas permitem identificar duas grandes mudanças na aquisição da escrita, uma de **caráter intersubjetivo** e outra de **caráter referencial**. A mudança de caráter intersubjetivo envolve “a passagem de uma enunciação escrita sem implantação de alocutário explícito a uma enunciação escrita com explicitação de

alocutário, qualquer que seja o grau de presença a ele atribuído” (OLIVEIRA, 2022, p.336). Com a estabilização da objetivação gráfica da língua e com a atualização da condição de diálogo em estruturas de diálogo, o funcionamento intersubjetivo do discurso escrito desdobra-se, o que permite à criança passar a explicitar, nesse discurso, um alocutário, real ou imaginado, individual ou coletivo. Por seu turno, a mudança de caráter referencial envolve “a passagem do *aqui-agora* da alocução falada à complexa rede de relações espaço-temporais desdobrada pela alocução escrita” (OLIVEIRA, 2022, p.241). Com a instalação de uma grafia que reproduz a fonia a partir da autossemiotização enquanto representação semiológica fala-escrita e da autorreferência enquanto representação enunciativa língua-realidade, o funcionamento referencial do discurso escrito igualmente se desdobra, o que permite à criança passar a simular, a retomar e a projetar acontecimentos via enunciação escrita.

Por fim, a terceira macro-operação é a **operação de discretização do aparelho formal da enunciação escrita**, estruturada pelo mecanismo da autossemiotização da língua e pela relação língua-locutor. Se, na primeira macro-operação, o que está em causa é a **inserção** da criança nas estruturas enunciativa e semiológica da língua em sua realização gráfica, na terceira macro-operação, a criança – já inserida nessas duas estruturas e mais **mergulhada** na estrutura enunciativa (devido à segunda macro-operação, a de desdobramento do funcionamento do discurso escrito), **mergulha**, também e simultaneamente, na estrutura semiológica. Esse mergulho dá a ver uma mudança geral que “envolve uma passagem do reconhecimento *da* à ação *sobre* a escrita como um todo constituído de partes” (OLIVEIRA, 2022, p.387, *itálicos do original*). *Sob* o efeito da ação da língua enquanto sistema de signos e discurso escrito que remodela semiologicamente esse sistema, a criança enquanto escrevente e leitora passa do reconhecimento *da* globalidade gráfica e *de* seus componentes à ação *sobre* tais globalidade e componentes na relação entre o contínuo e o discreto dos níveis e das unidades linguísticas. Se a primeira macro-operação caracteriza-se pela **relação locutor-língua** – visto nela vermos o deslocamento que leva um *homo loquens* a preencher novos lugares de (co)enunciação da/na língua –, a terceira macro-operação caracteriza-se pela **relação língua-locutor**, na qual os polos da relação se invertem (*cf.* FLORES, 2019b) e vemos um *homo loquens scriptor* sob os efeitos mais incisivos da ação linguística.

Os resultados obtidos por Oliveira (2022) com base no trajeto teórico-metodológico-analítico percorrido permitiram-lhe, de uma parte, desenhar os contornos de uma perspectiva semiológico-enunciativa da aquisição da escrita e, de outra parte, responder – a partir dessa perspectiva – às grandes questões do campo, a saber, a questão da relação fala-escrita, a questão do inato e do adquirido, a questão da representação, a questão da consciência metalinguística e a questão da mudança. Devido aos limites deste artigo, retomaremos, aqui (e resumidamente), apenas a resposta à última questão:

Inspirado por De Lemos (2002, p. 17) – que, a partir de sua proposta filiada a Saussure, a Jakobson e a Lacan, qualifica a mudança no vir a ser falante como “mudança de posição em uma estrutura” –, a partir de minha proposta filiada a Benveniste, qualifico a mudança no vir a ser escrevente como **mudança de configuração em uma relação**. Trata-se de mudanças configuracionais que incidem

- (i) na **relação locutor-língua** (a passagem dos lugares de falante e de ouvinte aos lugares de escrevente e de leitor – passagem regida pelo mecanismo da [inter]subjetividade);
- (ii) nas **relações locutor-alocutário/alocução-mundo** (de um lado, a passagem da enunciação escrita sem implantação de alocutário explícito à enunciação escrita com explicitação de alocutário; de outro lado, a passagem do *aqui-agora* da alocução falada à complexa rede de relações espaço-temporais da alocução escrita – passagens regidas pelo mecanismo do duplo funcionamento discursivo);
- (iii) na **relação língua-locutor** (a passagem do reconhecimento *da* à ação *sobre* a escrita como um todo constituído de partes – passagem regida pelo mecanismo da autosemiotização da língua). (OLIVEIRA, 2022, p.398, grifos do autor).

Caracterizando essa **natureza relacional da mudança**, Oliveira (2022) responde à questão sobre como a criança passa da condição de *homo loquens* (cf. FLORES, 2019b) à condição de *homo loquens scriptor*, condição locutória que subsume tanto a possibilidade propriamente dita de enunciar por escrito (o ato enunciativo de escrever) quanto a possibilidade de se enunciar no interior da escrita do outro ou da sua própria (o ato coenunciativo de ler).

Em resumo: nas reflexões de Giovane Fernandes Oliveira, o **problema da aquisição da língua** é abordado no âmbito da **relação semiologia-enunciação**, com a língua sendo concebida como um sistema de signos conversível em discurso via fala e via escrita enquanto duas formas semiológicas de realização linguística e enquanto dois atos

enunciativos de estabelecimento de relações intersubjetivas e referenciais. Assumida como objeto de teorização e de análise pelo autor, a aquisição da escrita é tomada como “um ato de instauração, na língua, da criança enquanto escrevente e leitora e, na criança, da língua enquanto sistema de signos e discurso escrito que remodela semiologicamente esse sistema” (OLIVEIRA, 2022, p.90).

## Conclusão

Caracterizadas em seus contornos específicos, é tempo de traçarmos as linhas gerais que assemelham e que diferenciam as três propostas focalizadas neste artigo: a perspectiva aquisicional enunciativa, de Carmem Luci da Costa Silva; a perspectiva antropológico-enunciativa de estudo da passagem de *infans* a falante, de Valdir do Nascimento Flores; e a perspectiva semiológico-enunciativa da aquisição da escrita, de Giovane Fernandes Oliveira.

São três as principais semelhanças entre tais perspectivas.

A **primeira semelhança** concerne ao fato de que há, entre Flores, Silva e Oliveira, vínculos institucionais e de formação. Em termos institucionais, os três pesquisadores vinculam-se à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da qual os dois primeiros são docentes e na qual os dois últimos se doutoraram na linha de pesquisa “Análises textuais, discursivas e enunciativas”, do Programa de Pós-Graduação em Letras da instituição. Em termos de formação, Flores foi o orientador de doutorado de Silva, que, por sua vez, orientou Oliveira em seu doutoramento. Tais vínculos e os avanços acadêmicos deles resultantes demonstram que a “produção linguística original” por Benveniste inspirada no Brasil – para retomarmos a expressão de Coquet e Fenoglio (2014 [2012]) – tem, no sul do país, notadamente na UFRGS, um terreno fértil.

A **segunda semelhança** diz respeito ao fato de que, se é verdade que Silva, Flores e Oliveira se voltam com interesses distintos para o fenômeno aquisicional, não é menos verdade que o fazem a partir de um modo de pensar alinhado a uma mesma ordem de problemas. A esse propósito, inspiramo-nos em Henri Meschonnic, o qual sustenta uma filiação de Saussure e de Benveniste a Humboldt: “Pensar Humboldt: eu não entendo por isso pensar através de Humboldt, ou citá-lo, mas pensar a mesma ordem de problemas que ele tinha começado a pensar, e pensar além dele mas com ele, a partir dele, continuando-o” (MESCHONNIC, 1995, p.13 *apud* FLORES, 2019b, p.49, nota 29). Fazendo coro a

Meschonnic, Flores (2019b, p.48) reconhece, nesses três grandes nomes da linguística – Humboldt, Saussure e Benveniste –, “a centralidade do homem na relação com a linguagem”. E qual é a mesma ordem de problemas que coordena as reflexões de Silva, de Flores e de Oliveira no âmbito da aquisição? É, também, a ordem dos problemas disparados pela **relação homem-linguagem** e pelas diversas outras relações por esta subsumidas, como a relação enunciação-língua, central na proposta de Silva; a relação linguagem-línguas, central na proposta de Flores; e a relação semiologia-enunciação, central na proposta de Oliveira. Subjaz, pois, às três propostas uma visão relacional da aquisição da língua.

A **terceira semelhança** refere-se ao conjunto de postulados sobre linguagem, língua(s), sociedade, cultura, enunciação, (inter)subjetividade e referência. Tais postulados levam em conta aquilo “que é próprio do homem e que faz do homem um ser racional” (BENVENISTE, 2005 [1963], p.27): a faculdade simbólica, isto é, a capacidade constitutivamente humana de produzir e de compreender formas, sentidos e referências. Tal faculdade atinge a sua realização suprema na linguagem, que, por sua vez, realiza-se nas línguas enquanto sistemas de formas significantes próprios a sociedades e a culturas particulares, onde tais sistemas são atualizados em discursos singulares via enunciação. O ato enunciativo, por assegurar as trocas humanas e as práticas simbólicas, é condição de possibilidade tanto do indivíduo e da coletividade quanto da língua, na qual ambos, juntos e por igual necessidade, são fundados. Esse conjunto de postulados “nos coloca no centro do problema mais importante, o problema da significação”, pois, se “à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar” (BENVENISTE, 2006 [1966/1967], p.222). Isso nos autoriza a redefinir a ordem de problemas em que pensam os três linguistas como sendo aquela dos problemas atinentes à **relação homem-linguagem-significação**.

São, também, três as principais diferenças entre as perspectivas aqui caracterizadas.

A **primeira diferença** tem a ver com o fato de que, apesar de Émile Benveniste ser um importante teórico na proposta de Flores, outros são convocados na formulação dessa proposta. Além de Wilhelm von Humboldt, Roman Jakobson, Giorgio Agamben e André Martinet – mencionados na segunda seção deste artigo –, igualmente figuram, na perspectiva antropológico-enunciativa de estudo da passagem de *infans* a falante de Flores,

pensadores como Paul Ricoeur, Jean-Claude Milner e George Steiner. Dessa maneira, Benveniste não tem, em tal perspectiva, a mesma centralidade que tem na perspectiva aquisicional enunciativa de Silva e na perspectiva semiológico-enunciativa de Oliveira, os quais não deixam de dialogar com outros estudiosos, mas verticalizam suas leituras no pensamento benvenistiano, tomando-o como a espinha dorsal de suas propostas.

A **segunda diferença** envolve duas distintas atitudes heurísticas<sup>11</sup> relativamente às mudanças sofridas pela fala e pela escrita infantis. Enquanto Flores aborda a aquisição da língua enquanto **tema** de problematização – *thema*, nos termos de Milner (2008) –, Silva e Oliveira a abordam (embora de formas distintas) enquanto **objeto** de teorização e de análise – *theoria*, ainda nos termos de Milner (2008).

Em Flores, o vir a ser falante não é abordado como objeto de uma teorização aquisicional com caráter explicativo, mas como um dos temas transversais à linguística que o autor investiga no âmbito de sua antropologia da enunciação (as relações linguagem-línguas, língua-realidade, língua-cultura-sociedade, língua-pensamento e os fenômenos da aquisição, da tradução, da voz, do distúrbio de linguagem, da metalinguagem). O que interessa a Flores é como o falante, o *homo loquens*, situado no interior de um dado fenômeno linguístico, *comenta* a sua (ou a do outro) relação com a língua. Entretanto, adverte o autor: “[...] a antropologia da enunciação, ao mirar o que diz o falante sobre fenômenos da língua, **não faz teoria deles**” (FLORES, 2019b, p.263, negritos nossos). Em outros termos, ao estudar fenômenos como a aquisição, a tradução, a voz, o autor não busca construir novas teorias da aquisição, da tradução, da voz, mas *reflexões* sobre os efeitos desses fenômenos na experiência de falante. Experiência distinta das demais, na aquisição, não é a criança que comenta a sua relação com a língua, mas o outro (familiar ou linguista), o qual testemunha essa experiência “de fora”, de um lugar terceiro. Se a criança pode, de algum modo, comentar tal relação, trata-se de um comentário que ela produz no interior mesmo dessa relação, testemunhando a sua experiência de vir a ser falante “de dentro”, na fala em ato.

Em Silva e em Oliveira, a aquisição passa de *tema* a *objeto* – ou, em termos milnerianos, de *thema* a *theoria*. Silva (2009) propõe “**bases teórica e metodológica** de

---

<sup>11</sup> Por *atitude heurística*, entendemos o *modus operandi* do investigador enquanto procedimento de descoberta por ele adotado em face do objeto investigado: “HEURÍSTICO (do G. εὐρίσκω, descobrir) [...]. Que serve para descoberta” (LALANDE, 1993, p.462).

inclusão da perspectiva enunciativa como uma das possibilidades de explicar a aquisição da linguagem<sup>12</sup>, perguntando-se: “Que **explicação** para o fenômeno ‘aquisição da linguagem’ pode ser produzida por uma teoria enunciativa e não por outra?” (SILVA, 2009, p.134, negritos nossos). Por sua vez, Oliveira (2022) sustenta a tese de que “a teoria da linguagem de Émile Benveniste possibilita a formulação de um **novo discurso teórico** sobre o vir a ser escrevente, discurso capaz de fundamentar **novas análises** e **novas respostas** às grandes questões do campo da aquisição da escrita”, tese a partir da qual formula o objetivo geral de sua iniciativa: “[...] produzir, a partir da teoria da linguagem benvenistiana, uma **explicação** para a instauração, na língua, da criança enquanto escrevente e leitora e, na criança, da língua enquanto sistema de signos e discurso escrito que remodela semiologicamente esse sistema” (OLIVEIRA, 2022, p.26, negritos nossos).

Diferentemente, então, de Flores, Silva e Oliveira abordam a aquisição como um objeto, assumindo “os dois compromissos do campo *Aquisição da Linguagem* desde a sua gênese: o **compromisso com o teórico** (o ponto de vista interno da pesquisa) e o **compromisso com o empírico** (a fala [e a escrita] da criança)” (SILVA, 2009, p.282, negritos nossos). A assunção desse duplo compromisso envolveu não a aplicação de princípios benvenistianos à análise da fala e da escrita infantis, mas o deslocamento de tais princípios para a construção de dispositivos teórico-metodológicos de tratamento de tais fala e escrita. Esse deslocamento gerou modos próprios de descrever e de explicar a aquisição da língua em sua realização vocal (no caso de Silva) e em sua realização gráfica (no caso de Oliveira).

Ao contrário dos empreendimentos de Silva e de Oliveira, à proposta de Flores, “não interessaria mais verificar *como* as línguas são adquiridas ou aprendidas”, pois “os dados de análise de uma dada língua não estariam a serviço da explicação da capacidade da linguagem, uma vez que, do meu ponto de vista, não se adquiriria linguagem, mas língua” (FLORES, 2019b, p.212). Ou ainda: “[...] minha reflexão não pode ser perfilada ao lado das

---

<sup>12</sup> O uso do termo *aquisição da linguagem* por Silva (2009) deve-se às noções de *linguagem* e de *língua* pela autora então assumidas: “[...] estamos considerando *língua* como a estrutura lingüística – o ele – e *linguagem* como o conjunto (eu-tu/ele)-ELE, o qual abarca a *língua* (ele) e os *sujeitos* (eu-tu) como integrantes do sistema cultural (ELE)” (SILVA, 2009, p.186, itálicos do original). Apesar de tais noções encontrarem abrigo em alguns textos benvenistianos, em estudos mais recentes, a partir de outros artigos de Benveniste e do deslocamento proposto por Flores (2019a) da ideia de *aquisição da linguagem* para a ideia de *aquisição da língua*, Silva tem concebido a linguagem como faculdade de simbolizar inerente à condição humana e a língua tanto como sistema quanto como discurso, defendendo ser a língua (em sua realização vocal) o que a criança adquire, já que nasce com a linguagem.

ditas teorias científicas da 'aquisição da linguagem', uma vez que a ela não se impõe a tarefa – comum a tais teorias – de explicar ou descrever como se dá o dito processo de 'aquisição da linguagem'" (FLORES, 2019b, p. 196). Nessas citações, o termo *explicação* refere-se, sim, a *como* as línguas são adquiridas ou aprendidas, mas encerra uma ideia de *explicação* vinculada a perspectivas teóricas que se preocupam com questões como o acionamento de um dispositivo gramatical inato (inatismo), a formação de associações entre estímulos (associacionismo) ou o processamento mental (cognitivismo).

Trata-se de um emprego do termo *explicação* diferente do emprego que dele fazem Silva (2009) e Oliveira (2022). Para esses autores, uma perspectiva que procura testemunhar como a língua se instaura na criança e como a criança se instaura na língua, embora não suponha uma abordagem inatista, associacionista ou cognitivista, nem por isso dispensa o linguista do necessário enfrentamento do **problema da mudança** na aquisição. É nessa acepção, marcada pela busca por mudanças na relação criança-língua, que Silva (2009) e Oliveira (2022) empregam o termo *explicação*, uma acepção distinta daquela com que Flores (2019b) emprega o mesmo termo.

A esse respeito, em estudo no qual abordam o teorizar e o problematizar no âmbito da linguística da enunciação, Badir, Polis e Provenzano (2012, p.12) observam que "O termo *enunciação* ativa um imaginário relativo a práticas disciplinares particulares: a conceitualização com meta explicativa ou o questionamento com meta hermenêutica". São, então, duas diferentes atitudes heurísticas. De um lado, **a teorização/a conceitualização com meta explicativa** – essa é a atitude de Silva e de Oliveira em relação ao fenômeno aquisicional, tomado por eles como *objeto (theoria)*. De outro lado, **a problematização/o questionamento com meta hermenêutica** – essa é a atitude de Flores em relação ao mesmo fenômeno, tomado pelo linguista como *tema (thema)*. Não se trata, contudo, de atitudes mutuamente excludentes, visto que a problematização comparece na teorização, bem como o teorizar comparece no problematizar. Trata-se, antes, de dominância de polos diferentes em cada atitude, vinculados a *metas* distintas: uma meta explicativa, na primeira atitude, em que predomina o polo teorizador; uma meta hermenêutica, na segunda atitude, em que predomina o polo problematizador.

A **terceira diferença**, decorrente da segunda, entre Silva e Oliveira, de um lado, e Flores, de outro, implica o encaminhamento dado a seus estudos. Em todos, há um esforço de conciliação do filosófico e do linguístico. Todavia, se em Silva e em Oliveira predomina

um vai e vem entre tais aspectos, em uma discussão na qual a teoria interpela o dado e o dado interpela a teoria, em Flores, o que prevalece é o aspecto filosófico, em uma discussão de caráter essencialmente teórico (no sentido de problematização hermenêutica e não no de teorização explicativa). Essa terceira diferença, somada à anterior, tem consequências metodológicas importantes. Afinal, uma proposta mais filosófica como a de Flores “**não estuda dados**, mas fenômenos e, em especial, o que o falante diz de sua relação com esses fenômenos” (FLORES, 2019b, p.263, **negritos nossos**), sendo ilustrativo desse fazer o comentário que o autor tece acerca do lugar pela criança ocupado na *organização enunciativa* do povo Xikrin e a compreensão daí resultante que ela passa a ter de si, do outro e do mundo. Já em propostas mais estritamente linguísticas como a de Silva e a de Oliveira, são incontornáveis os “dados coletados em contextos reais de interação e no decorrer de um longo período da trajetória linguística dos indivíduos acompanhados” (OLIVEIRA, 2022, p.220), como demonstram os volumosos *corpora* coletados, armazenados, segmentados, transcritos e analisados pelos dois pesquisadores em seus estudos longitudinais acerca da constituição da criança enquanto falante e escrevente.

Em resumo: se há um *pensar Humboldt* em Saussure e em Benveniste, há, em Silva, em Flores e em Oliveira, um *pensar Benveniste*, no sentido de que pensam *além* dele, mas *com* ele, *a partir* dele, *continuando-o* na ordem de problemas sobre a relação homem-linguagem-significação. Porém, enquanto Flores é um teórico da enunciação, abordando o vir a ser falante como um tema de problematização dentre outros (questionamento com meta hermenêutica), Silva e Oliveira são teóricos da aquisição, abordando-a como objeto principal de teorização e de análise (conceitualização com meta explicativa). Assim, a proposta de Flores insere-se em uma perspectiva teórica mais ampla, não sobre a aquisição, mas sobre a enunciação, inscrevendo-se como tal no campo enunciativo ao lado de outras perspectivas teóricas deste, ao passo que as propostas de Silva e de Oliveira são perspectivas teóricas que buscam explicar a aquisição da língua materna em suas realizações vocal e gráfica, inscrevendo-se como tais no campo aquisicional ao lado de outras perspectivas teóricas deste.

Em conclusão: as semelhanças e as diferenças entre as três propostas aqui caracterizadas – a perspectiva aquisicional enunciativa, de Silva; a perspectiva antropológico-enunciativa de estudo da passagem de *infans* a falante, de Flores; e a perspectiva semiológico-enunciativa da aquisição da escrita, de Oliveira –, por um lado, dão

testemunho de uma produção linguística original no Brasil no âmbito tanto dos estudos benvenistianos quanto dos estudos aquisicionais e, por outro lado, atestam a fertilidade do pensamento de Benveniste como solo teórico sobre o qual podem florescer potentes perspectivas de investigação da linguagem humana.

## REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, Aline. **A criança e a experiência na linguagem poética**. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2021.
- BADIR, Sémir; POLIS, Stéphane; PROVENZANO, François. « Benveniste serait-il aujourd’hui un linguiste de l’énonciation ? ». **Arts et Savoirs**, n. 2, p. 1-23, jul. 2012.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- BOLDORI, Ana Carolina. **A constituição do falante na e pela narrativa: na aurora da vida e na fase do envelhecimento**. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2023.
- COQUET, Jean-Claude; FENOGLIO, Irène. Introdução. *In*: BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014 [2012], p. 67-86.
- DIEDRICH, Marlete Sandra. **Aquisição da linguagem: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem**. 2015. 147 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- DIEDRICH, Marlete Sandra; RIBEIRO, Edynara. O aspecto vocal da enunciação: mobilização de sentidos no ato de leitura. **RevLet: Revista Virtual de Letras**, v. 08, n. 2, p. 253-264, ago./dez. 2016.
- DIEDRICH, Marlete Sandra (2017a). O homem na linguagem: o entrelaçamento língua e cultura na aquisição da linguagem numa perspectiva enunciativa aquisicional. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 39, n. 4, p. 381, 2017.

DIEDRICH, Marlete Sandra (2017b). Os registros da experiência da criança na linguagem: o ato enunciativo de transcrição. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 711-737, 2017.

DIEDRICH, Marlete Sandra (2017c). A interpretância da língua em relação às funções inter-humanas do discurso na aquisição da linguagem via aspecto vocal da enunciação. **DELTA – Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 497-517, 2017.

DIEDRICH, Marlete Sandra (2018a). A criança e sua relação com a interdição: a mobilização de arranjos discursivos particulares. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 14, n. 3, p. 469-479, set./dez. 2018.

DIEDRICH, Marlete Sandra (2018b). O aspecto vocal da enunciação: em busca de uma definição. *In*: STURM, Luciane; TOLDO, Cláudia (Orgs.). **Desafios contemporâneos do ensino: língua materna e língua estrangeira**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

DIEDRICH, Marlete Sandra (2020a). A criança e suas narrativas: a experiência constituída nos ruídozinhos vocais. *In*: OLIVEIRA, Giovane Fernandes; ARESI, Fábio (Orgs.). **O universo benvenistiano: enunciação, sociedade, semiologia**. Pimenta Cultural: São Paulo, 2020, p. 204-2020.

DIEDRICH, Marlete Sandra (2020b). O poético que se instaura no vocal: a experiência da criança na linguagem. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 16, n. 1, p. 114-126, jan./abr. 2020.

DIEDRICH, Marlete Sandra. **Narrativas de crianças na pandemia: discursos que reinventam o mundo**. 1. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 48p.

DUFOUR, Dany-Robert. **Mistérios da trindade**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud, 2000.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Lingüística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação**. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. 251 p.

FLORES, Valdir do Nascimento (2017a). **Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. 112 p.

FLORES, Valdir do Nascimento (2017b). O homem não nasce na natureza, mas na cultura: assim fala uma criança. *In*: SILVA, Carmem Luci da Costa; DEL RÉ, Alessandra; CAVALCANTE, Marianne (Orgs.). **A criança na/com a linguagem: saberes em contraponto**. 1. ed. Porto Alegre: Editora do Instituto de Letras, 2017, p. 17-29.

FLORES, Valdir do Nascimento (2019a). Visão de mundo e enunciação: sobre a passagem do *infans* a ser falante. **Revista Linguística**, v. 35, n. 2, p. 13-25, dez. 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento (2019b). **Problemas gerais de linguística**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. 397 p.

GOLEMBIESKI, Gabriela. Construções metafóricas na narrativa da criança. **Cadernos de Linguística**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 619, 2022.

LALANDE, André. Heurístico. In: LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MACHADO, Verônica Pasqualin. **Aquisição da linguagem em perspectiva enunciativa: o papel da situação no diálogo enunciativo da criança com seu interlocutor**. 2010. 45 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MACHADO, Verônica Pasqualin. **Princípios para uma abordagem enunciativa na aquisição de segunda língua**. 2013. 117 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MILANO, Luiza. O lugar da voz na aquisição de linguagem. **Nonada: Letras em Revista**, Porto Alegre, v. 2, n. 21, p. 1-11, out./abr. 2013- 2014.

MILNER, Jean-Claude. **Le périple structural**. Lagrasse: Verdier/Poche, 2008. 376 p.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. A apropriação de noções culturais pela criança: uma experiência de significação na língua-discurso. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, v. 1, p. 402-420, 2016.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. A apropriação de noções culturais pela criança: uma experiência de significação na língua-discurso. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, v. 1, p. 402-420, 2016.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. Da referência mostrada à referência constituída: a inserção da criança na língua e na cultura. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 62, n. 00, p. 1-22, 2020.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. **Do homo loquens ao homo loquens scriptor: por uma perspectiva semiológico-enunciativa da aquisição da escrita**. 2022. 428 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

REVEILLEAU, Monique Giusti. **A importância da aquisição da língua de sinais na constituição humana da criança surda**. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2022.

SANTANA, Gabriela Rodrigues. **Da unidade “palavra” ao signo lexical na aquisição de língua materna: uma perspectiva enunciativa**. 54 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

SERAFINI, Sibylla Jockymann do Canto. **O papel da mãe no processo de aquisição da linguagem**: um estudo sobre a importância da relação criança-outro para a constituição da criança como sujeito falante. 2011. 97 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SILVA, Carmem Luci da Costa (2007a). **A instauração da criança na linguagem**: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem. 2007. 293 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SILVA, Carmem Luci da Costa (2007b). Sobre a interface oralidade e escrita na transcrição de dados. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 3, n. 2, p. 130-150, 2007.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A criança na linguagem**: enunciação e aquisição. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

SILVA, Carmem Luci da Costa. A operação de referência no ato de aquisição da linguagem. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TEXTO, ENUNCIÇÃO E DISCURSO, 2010, Porto Alegre. **Anais do SITED**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011, p. 88-93.

SILVA, Carmem Luci da Costa; SURREAUX, Luiza Milano. **O tratamento do dado em aquisição e distúrbios da linguagem**: uma leitura linguístico-enunciativa. Estudos em Aquisição Fonológica. 1. ed. Cidade: Editora, 2011, p. 291-301.

SILVA, Carmem Luci da Costa; STUMPF, Elisa Marchioro. O papel dos índices específicos e dos procedimentos acessórios na enunciação e na metaenunciação da criança. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 8, n. 1, p. 115-143, jan./jun. 2012.

SILVA, Carmem Luci da Costa. Os efeitos das analogias saussurianas na reflexão sobre aquisição da linguagem. **Nonada**: Letras em Revista, Porto Alegre, v. 1, n. 20, p. 177-190, mai./set. 2013.

SILVA, Carmem Luci da Costa; DIEDRICH, Marlete Sandra. A experiência da criança na linguagem. **Prolíngua**, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 145-156, jul./dez. 2013.

SILVA, Carmem Luci da Costa. A (re)invenção de discursos e a história da criança na linguagem. **Prolíngua**, João Pessoa, v. 10, n. 1, p. 163-173, jan./fev. 2015.

SILVA, Carmem Luci da Costa. O papel do aspecto vocal no ato de nomeação e a inscrição subjetiva da criança no discurso. *In*: SILVA, Carmem Luci da Costa; DEL RÉ, Alessandra; CAVALCANTE, Marianne (Orgs.). **A criança na/com a linguagem**: saberes em contraponto. 1. ed. Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, 2017. p. 67-79.

SILVA, Carmem Luci da Costa. Significar para se instaurar na língua materna: vestígios da reflexão da criança na linguagem. **Revista Linguística**, v. 35, n. 2, p. 59-73, dez. 2019.

SILVA, Carmem Luci da Costa Silva. A relação entre o biológico e o cultural na aquisição da linguagem e a instauração da criança na interdependência entre forma-sentido na língua materna. *In*: OLIVEIRA, Giovane Fernandes; ARESI, Fábio (Orgs.). **O universo benvenistiano: enunciação, sociedade, semiologia**. Pimenta Cultural: São Paulo, 2020, p. 164-203.

SILVA, Carmem Luci da Costa; OLIVEIRA, Giovane Fernandes; DIEDRICH, Marlete Sandra. A teoria da linguagem de Émile Benveniste: uma abertura para os estudos em aquisição da linguagem. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 56, p. 259-280, jul./dez. 2020.

SILVA, Carmem Luci da Costa; DIEDRICH, Marlete Sandra; OLIVEIRA, Giovane Fernandes; POZZA, Mariana Machado. O viver na linguagem: enunciação e aquisição de língua materna. *In*: DEL RÉ, Alessandra; FARIA, Evangelina Maria Brito de; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra; ÁVILA-NÓBREGA, Paulo Vinícius (Orgs.). **Olhares diversos na língua(gem) da criança**. 1. ed. Paraíba: Editora o CCTA, 2020, p. 13-39.

SILVA, Carmem Luci da Costa; OLIVEIRA, Giovane Fernandes. Nos rumores da língua: a escuta entre as enunciações falada e escrita da criança. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 16, n. 25, p. 165-190, jan./jul. 2021.

SILVA, Carmem Luci da Costa. A escuta em uma abordagem enunciativa da aquisição de língua materna. *In*: ROSÁRIO, Heloisa Monteiro; HOFF, Sara Luiza; FLORES, Valdir do Nascimento (Orgs.). **Leituras de Émile Benveniste**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2022, p. 39-48.

SILVA, Carmem Luci da Costa; DIEDRICH, Marlete Sandra. Das formas embrionárias às formas complexas do discurso: movimentos linguístico-enunciativos da criança na aquisição da língua materna. **Estudos da língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 20, p. 115-140, 2022.

SILVA, Carmem Luci da Costa; OLIVEIRA, Giovane Fernandes. A criança na fala e na escrita: um olhar enunciativo. *In*: VIEIRA, Alessandra Jacqueline; DEL RÉ, Alessandra; HILÁRIO, Rosângela Nogarini (Orgs.). **"E por falar em linguagem da criança..."**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2023. p. 145-158.

SOARES, Isadora Laguna. **Do morfema à frase: a integração forma-sentido no discurso como constitutiva do nascimento da criança na cultura**. 2015. 51 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SOARES, Isadora Laguna. Os valores culturais integrando forma e sentido nas relações enunciativas criança-outro no ato de aquisição da linguagem. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 11, n. 4, p. 1294-1309, out./dez., 2017.

SOARES, Isadora Laguna. **No mundo de Sof: um estudo sobre a aquisição da leitura pela criança a partir da teoria da linguagem de Émile Benveniste**. 2018. 179 p. Dissertação

(Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

STUMPF, Elisa Marchioro. **Uma proposta enunciativa para o tratamento da metalinguagem na aquisição da linguagem**. 2010. 109 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

TOMAZZI, Raiany. O funcionamento referencial no discurso da criança: uma análise de fatos enunciativos de aquisição de língua materna. **Travessias Interativas**, n. 12, p. 1-12, jul./dez. 2016.

TOMAZZI, Raiany. **Concepções de linguagem e língua em livro didático de língua inglesa e uma proposta de diálogo com a reflexão enunciativa**: possíveis deslocamentos para a sala de aula. 2017. 111 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

---

<sup>i</sup> Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG-Letras) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desenvolveu sua pesquisa de doutoramento com o auxílio de bolsa CAPES.

E-mail: [gjo.ufrgs@gmail.com](mailto:gjo.ufrgs@gmail.com).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8251-8353>.

<sup>ii</sup> Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG-Letras) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Associada de Língua Portuguesa do Instituto de Letras (IL) e do PPG-Letras da mesma instituição. Atualmente, é diretora do IL-UFRGS e bolsista de produtividade em pesquisa – PQ/CNPq.

E-mail: [clcostasilva@hotmail.com](mailto:clcostasilva@hotmail.com).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6036-5285>.

**Recebido em 14/06/2023**

**Aprovado em 13/08/2023**



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).